

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

O ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO EM *MEU PÉ DE LARANJA LIMA*

Katrym Aline Bordinhão dos Santos 1

Dábila Vitor Ferreira 2

RESUMO: Este trabalho busca a análise da obra *Meu pé de laranja lima*, em que o autor José Mauro de Vasconcelos, por meio de um personagem infantil, relata sua infância. No enredo ocorre o desabafo do autor e a busca por reconhecimento do leitor, o que segundo o teórico da autobiografia Philippe Lejeune (2008), configura o pacto autobiográfico, que se dá com a relação do autor, narrador e personagem. A literatura confessional comporta confissões e segredos dos autores, Maria Luíza Remédios (1997) explica o interesse do público pela literatura confessional, por termos a tendência de nos identificarmos com o que está próximo da nossa realidade estabelecendo uma união com o público leitor. O autor durante sua obra pode assumir identidades, ou o sentido de si, e no caso de José Mauro, supõe-se que ele viu a escrita como opção de desabafo, relembrando a infância e libertando-se do passado. Dessa forma, confirmamos que a obra é uma escrita autobiográfica, entendemos o que o autobiógrafo busca ao escrever sobre si, e que esse mais novo gênero da escrita é bastante aceito pelo público.

Palavras-chave: pacto autobiográfico; literatura confessional; identidade.

ABSTRACT: This paper focuses on the analysis of the literary work *Meu pé de laranja lima*, in which the author José Mauro de Vasconcelos relates his own childhood through a child character. In the plot, however, there is the author's alleviation and seeking for the recognition of readers, which according to autobiography theorist Philippe Lejeune (2008) configures the autobiographical pact that is given by the relationship between author, narrator and character. The confessional literature holds confessions and secrets of the authors; Maria Luíza Remédios (1997) explains that the public is interested in confessional literature because we have the tendency to identify ourselves with what is close to our reality, thereby establishing a pact with the reading public. During the work, the author may assume identities or self-sense, and in José

¹ Orientadora. Doutoranda em Letras – Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora na Secretaria de Educação do estado do Paraná (SEED). E-mail: katrymalineb@gmail.com

² Graduada em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Centro - Oeste – Paraná (UNICENTRO). Professora na rede particular de ensino. E-mail: dabilavf@yahoo.com.br

Mauro's case it is supposed he saw writing as an option for alleviation, by recalling his childhood and freeing himself from the past. Therefore, we confirm that this literary work is an autobiographical writing, and understand what the autobiographer looks for in writing about himself, and that this newest genre of writing is widely accepted by the public.

Key-words: autobiographical pact; confessional literature; identity.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo propor a análise da obra *Meu Pé de Laranja Lima* (1968) de José Mauro de Vasconcelos, como um romance autobiográfico, que por meio de um personagem infantil retrata a história de uma infância pobre, sonhos e desejos de um menino que um dia sonhou em ser poeta. Apresentando-se como despedida da infância, a obra possui como subtítulo “*História de um menininho que um dia descobriu a dor...*” remetendo ao sofrimento vivido pelo personagem principal, um menino de seis anos que é muito travesso e esperto, mas que desde cedo aprendeu as amarguras de uma realidade pobre e a responsabilidade de “atender” do irmão mais novo.

Certas partes da narrativa chamaram a atenção por conta da proximidade com a história da vida do autor, como o apelido do personagem principal, Zezé, entendendo-se como a abreviação de José Mauro.

Esses trechos remeteram ao conceito de autobiografia, pois conforme explica Helena Paio (2011, p. 07) ao explorar a teoria de Philippe Lejeune: “o pacto autobiográfico, [...] é confirmado quando o nome próprio do autor surge como caução do eu, ligando o romance à realidade, reivindicando a propriedade daquilo que está sendo escrito, remetendo às informações contidas na capa do livro”. Situação que ocorre ao se mencionar a cidade de Bangu, terra natal do autor, e durante a matrícula na educação básica, com a constatação do nome da mãe de Zezé, D. Estefânia Pinagé de Vasconcelos (VASCONCELOS, 2005, p.68).

Porém, em alguns pontos a narrativa acaba deixando dúvidas comuns sobre a designação de autobiografia, haja vista que há o questionamento de que seja realmente a história da vida do autor. Assim, pretende-se analisar o material, comprovando ou não a denominação de romance autobiográfico, partindo da teoria sobre o assunto proposta por Philippe Lejeune.

Em uma breve pesquisa percebe-se, de fato, que há uma proximidade do enredo da narrativa com a vida de Vasconcelos, que escreveu outros romances que retratam épocas diferentes de sua vida, dividida em uma sequência de quatro obras. A primeira *Meu pé de Laranja*

Lima (1968), na qual retrata a sua infância na cidade de Bangu, Rio de Janeiro; *Vamos Aquecer o Sol* (1972), escrita em seu momento de mudança para Natal, Rio Grande do Norte; *O doidão* (1973), que aborda a adolescência; e *Confissões do Frei Abóbora* (1966) tratando sobre a vida adulta.

Este artigo pretende analisar somente a primeira obra, que retrata sua infância, escrita em apenas doze dias, mas que alcançou grande aceitação do público, chegando até a ser adaptada para o cinema em 1970, e por várias vezes representada em novelas de televisão nos anos de 1980 e 1998. A obra cruzou o mundo sendo publicada em 2003 em forma de histórias em quadrinhos na Coréia do Sul, e, recentemente, em abril de 2013, uma nova versão foi apresentada nos cinemas.

De acordo com Helena Paio (2011), autora de uma dissertação que aborda a análise comparativa da obra *Meu Pé de Laranja Lima* com uma obra da literatura africana intitulada *Bom dia Camaradas*, para o teórico da autobiografia Philippe Lejeune, o autobiógrafo pede ao leitor reconhecimento, aprovação e até amor, exercendo certa reciprocidade com o público, e assim se dá o pacto autobiográfico. Percebemos essa relação do narrador-leitor em *Meu pé de laranja lima* quando faz as confissões sobre a pobreza e o desabafo sobre a falta de compreensão dos adultos para com a criança, revelando uma narrativa confessional, por meio da representação de uma história real.

Maria Luíza Remédios (1997, p.09), coloca a literatura confessional³, como a mais próxima do cotidiano do leitor, por isso, por vezes, é a mais lida, procurada e comentada, pois temos a tendência de nos identificarmos com o que está mais próximo da nossa realidade. A autora ressalta, também, quais seriam as razões que tornam assídua a procura por essa literatura:

Quais razões que movem o leitor: a curiosidade, a identificação com os problemas expostos pelo autor, a procura de uma consolação, a admiração por um herói, um artista, uma pessoa qualquer? Parece que a literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um *eu*, de uma pessoa viva que ali se encontra e diante do leitor desnuda a sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor. (REMÉDIOS, 1997, p. 09)

Torna-se, então, justificada a procura por obras autobiográficas, o interesse em testemunhar a vida do outro, por curiosidade ou por que de alguma forma nos identificamos com problemas que não são só nossos e sim enfrentados por outras pessoas. E por ser tão próxima da

³ Um dos nomes relacionados à escrita autobiográfica é a confissão, chamada assim por razão de algumas autobiografias comportarem confissões de segredos dos autores.

vida do leitor, a escrita autobiográfica comporta-se até como reflexo do que este vive, havendo entre autor e leitor uma proximidade incomparável.

Dentre as percepções de Zezé em relação à situação financeira da família o narrador infantil possui maturidade suficiente para interpretar as exigências da vida logo cedo. Percebemos o desabafo no capítulo denominado “Confissão Final” em que aos 48 anos o autor despede-se do seu herói, o Portuga, que lhe ensinou a doçura da vida, a visão de mundo por um ângulo especial, pelo qual uma criança pode compreender, mesmo já tendo visto muito para os seus seis anos de idade.

Também ressaltamos nesse capítulo confessional as observações feitas por Ana Amélia Pace (2012, p. 08) em sua dissertação baseada na teoria proposta pelo teórico Philippe Lejeune, que trata do desfecho e o livramento que o autor consegue de todos os choques emocionais vividos na infância e a comprovação do engajamento pessoal do autobiógrafo que, por meio de uma construção textual, seja na capa, prefácio, nota introdutória, ou paratextual como o título ou subtítulo, informações na contracapa e orelha dos livros, permite a expressão da personalidade daquele que escreve em seu valor de verdade, revelando, ainda, o anseio da autobiografia.

José Mauro de Vasconcelos demonstra seu anseio pela autobiografia por meio de uma construção textual, na nota introdutória em que escreve “*História de um meninbo que um dia descobriu a dor...*”, no prefácio em que dedica sua obra aos irmãos e amigos, e também paratextual com o título *Meu pé de laranja lima* que nos elucida que o pé de laranja lima pertenceu a ele próprio, assim como todos os acontecimentos do livro remetem a sua história pessoal.

Essa situação implica no desejo de construir uma memória ou de reparar erros, como uma tentativa, por parte do autor, de reorganizar sua vida após o desabafo, e, no caso de José Mauro, percebemos a necessidade que tem de se despedir do amigo Portuga mesmo que quase cinquenta anos depois.

Este artigo apresentará a análise do romance em questão paralelamente ao levantamento das características que marcam a escrita dita autobiográfica. Para isso levaremos em conta a teoria proposta pelo estudioso Philippe Lejeune (2008), assim como as ideias lançadas por Pierre Bourdieu (1986) e Maria Luiza Remédios (1997), seguindo para isso a ordem cronológica do enredo.

1.1 *Meu Pé de Laranja Lima* e a Autobiografia

A narrativa de José Mauro de Vasconcelos alcançou grande aceitação do público, sendo quase impossível não se envolver, testemunhar e até salvar Zezé, o personagem principal, de suas surras memoráveis. Estabelecendo-se, assim, uma relação com o leitor, algo quase familiar, um

acordo entre autor e leitor, em que é despertado o desejo do público em participar e viver a narrativa em cada detalhe.

Tal situação é chamada nesta pesquisa de pacto autobiográfico, conceito proposto por Philippe Lejeune em seu ensaio sobre o assunto, datado de 1975, em que propõe que a configuração de uma relação entre autor, narrador e personagem no momento de leitura forma uma espécie de pacto. Segundo o teórico da autobiografia, esse acordo seria o princípio formador do gênero autobiográfico. É importante ressaltar que essas definições foram mudadas diversas vezes.

Entendemos que o autor ao escrever sua história usa de meios para atingir um objetivo, emocionando, recebendo apoio, ou até sendo compreendido por quem lê. O leitor, por sua vez, prende-se ao enredo, identifica-se, envolve suas visões de mundo e lembranças pessoais de modo que participa da história e, muitas vezes, cria um vínculo com o personagem.

A obra que analisamos é narrada em primeira pessoa, por um narrador autodiegético, aquele que a relata como seu protagonista, sendo que o nome do autor lembra diretamente o nome próprio do personagem principal, havendo uma relação de identidade entre o autor, José Mauro de Vasconcelos e o personagem/narrador Zezé. Conforme Lejeune (2008, p. 26) explica “o pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo em última instância ao nome do autor na capa do livro”, o teórico esclarece também que “As formas de pacto podem ser diversas, mas todas mostram de certa forma, a honra à assinatura do autor.” (2008, p. 26)

Segundo pesquisas sobre o comportamento do autor em situações de proximidade com o personagem principal, Maria Lúcia Dal Farra, em seu livro intitulado *O narrador ensimesmado*, esclarece que “o autor pode escolher como problematização a si próprio, referindo-se a si mesmo como personagem” (DAL FARRA, 1978, p.88).

A autora explica também, que “o narrador é sempre uma impostação, uma ‘máscara’ que o autor do livro cria a fim de fazer prevalecer certas finalidades específicas a cada obra sua” (DAL FARRA, 1978, p. 126). Entende-se que a finalidade de Vasconcelos poderia estar especificada no personagem infantil, dessa forma, usaria a ‘máscara’ de uma criança para narrar de modo mais convincente, realizando o desejo de transportar o leitor à sua infância, ou de emocionar mais por ser uma criança narrando as dificuldades da vida.

Por muitas vezes Dal Farra (1978), nos induz a analisar certas posturas adquiridas pelo autor ao longo de sua narrativa, sabendo disso, ocorre-nos a indagação sobre qual postura levantada por Maria Lúcia encaixa-se no narrador criado pelo autor de *Meu Pé de laranja lima*. Fica claro o uso de uma voz infantil, prevalecendo as finalidades citadas acima, emocionar, estabelecendo uma troca com o público.

Uma das características do narrador em primeira pessoa é que ele conta os acontecimentos da história conforme a sua linha de visão, e, neste caso, é a infância contada por quem a viveu, os sofrimentos que passou e os sonhos que almejou, a *visão avec*, a representação da “consciência pura” como explica Dal Farra (1978, p.126), que o narrador tem do seu comportamento e dos outros personagens.

É dessa forma que Zezé enxerga os adultos, o modo como os descreve, às vezes pacientes com suas travessuras, outras nem tanto; o medo de apanhar, o tom de agressividade nas surras, as ameaças, e também o carinho com que comenta sobre seu irmão mais novo, Luís, “o reizinho da casa”: “ feliz era o reizinho que dormia com o dedo na boca” (VASCONCELOS, 2005, p.47) e a descrição dos cabelos de sua irmã mais velha, Glória, que eram da mesma cor dos seus. Ao falar de Manuel Valadares, usa de palavras como “a pessoa que eu mais queria bem no mundo”(VASCONCELOS, 2005, p.114), e dessa forma entendemos o papel de herói que o amigo teve na vida do menino.

Ao narrar os personagens do modo que os vê, o romance pode ser de “sugestão”, em que o narrador exprime sentimentalmente a visão que tem dos outros personagens, (DAL FARRA, 1979, p.127) diferentemente da visão “par derrière” que introduz a visão do conhecimento reflexivo, que é quando o narrador se coloca atrás do personagem e se separa dele a fim de analisá-lo melhor, comum na narrativa em terceira pessoa.

Maria Lúcia Dal Farra comenta em seu livro que o narrador pode adquirir performances para alcançar o que almeja: Sabe-se, pois, que tanto os narradores quanto as personagens são “performances” do autor que se localiza por trás deles, mas não se deixa surpreender em cena (DAL FARRA, 1978, p. 126).

Em última instância uma dessas performances pode ser o nome próprio do autor na capa do livro isto é, a afirmação do pacto autobiográfico, não há, portanto, nenhuma razão para discordar desta identidade. O assunto retratado é a vida individual, a pobreza do personagem, o relato de sua história social, seus familiares e amigos. Há, também, uma certa hierarquia no seio familiar, em que as irmãs mais velhas, Glória e Jandira, têm o dever de cuidar e educar os três irmãos mais novos, Totoca, Zezé e Luís, que as respeitam sem questionamentos, uma vez que a mãe trabalha até tarde em uma fábrica e o pai encontra-se desempregado.

Ao investigar o motivo das irmãs mais velhas assumirem a maternidade dos irmãos mais novos e quase todas as responsabilidades, desde a matrícula na escola até os cuidados com a casa, percebemos uma característica que justifica, conseqüentemente, alguns comportamentos de Zezé, a indiferença da mãe, que passa muitas horas fora de casa, e quando está presente encontra-se muito cansada para dar atenção aos filhos menores. O pai também é ausente na família,

mostrando-se pouco compreensivo, calado e preso aos seus problemas, como o alcoolismo e a depressão.

O menino é mal compreendido por muitas vezes dentro de casa, e acaba apanhando de todos, chamado de diabinho e peste. Porém, não eram todos que tinham essa imagem do personagem. A professora, o Portuga e o tio Edmundo compreendiam o menininho doce, amoroso e de tamanha sensibilidade, simplesmente pelo fato de enxergá-lo como a criança que era.

A sensibilidade e inocência da criança são características muito interessantes do personagem infantil. As fantasias, os nomes feios ditos em momentos de raiva, e a consciência de ouvir o anjinho e fazer o certo, ou seguir os mandamentos do diabo e praticar travessuras. Zezé comenta por muitas vezes sobre o passarinho que mora em seu peito, traço marcante do personagem, que em uma metáfora para a chegada da adolescência, deixa seu passarinho ir embora do peito, despede-se da infância.

Segundo Lejeune (2008, p.39), as características mencionadas neste artigo de pesquisa, a saber, as semelhanças levantadas entre o personagem principal e o autor, o nome próprio como característica principal e o dos familiares serem os mesmos, tanto os de Zezé como os de José Mauro, a confissão final, entre outras, não caracterizam biografia, que é narrada por terceiros, e sim a autobiografia, haja vista que a identidade fundamenta a semelhança, e não o contrário, a semelhança fundamentada pela identidade.

O que vai distinguir biografia de autobiografia são as relações de identidade e semelhança, que para Lejeune(2008,p. 39), são o ponto de partida para configurar um romance autobiográfico. Entende-se, por isso, que na biografia é a semelhança que deve configurar a identidade, e na autobiografia é a identidade que fundamenta a semelhança. Na obra de Vasconcelos todas as características do personagem recordam a identidade do autor, como o nome dos familiares, as dedicatórias na contra capa e o endereço de infância. Dessa forma, a narrativa pessoal denominada autodiegética, significa igualdade entre o sujeito da enunciação e o do enunciado, determinando identidade de fato.

Assim, para Lejeune (2008, p. 42), “a verdade a qual o romance permite o leitor a ter acesso é a pessoal, íntima, do autor, aquilo que todo o projeto da autobiografia visa, decretando ser o romance mais verdadeiro” e que “o leitor é convidado para ler o romance não apenas como ficção, remetendo a uma verdade da “natureza humana” mas também como fantasmas reveladores de um indivíduo” (2008 p.43)

O termo autobiografia significa “vida de um indivíduo escrita por ele próprio” (LEJEUNE, 2008 p.53), sentido esse escolhido por Lejeune e proposto por Larousse (1886). Em

estudos relacionados ao gênero autobiográfico, estabelecem-se critérios que especificam o que leva o escritor a escrever a sua própria história, quais são seus motivos, e com que intenção alguns autores tomam a decisão de falar da sua própria vida, expressar seus pensamentos e sentimentos mais profundos.

Seria vaidade e paixão pelo próprio nome, ou o desejo de desabafar e livrar-se dos fantasmas do passado, reescrever sua história da forma que desejaria que fosse, consertar algumas imperfeições e publicar ao mundo uma história perfeita, um pedido de perdão a alguém que já se foi, ou, então, um pedido de socorro e compaixão por algo que sofreu e não pode comunicar a ninguém? Todos esses podem ser motivos que levem alguém a escrever sobre si, engrandecendo ou divulgando sua figura, seja em valor positivo ou negativo, revelando sua identidade ou não.

A escrita com caráter autobiográfico é certamente a história de um indivíduo narrada por um ângulo que só ele mesmo consegue ver, contendo verdades que possa assegurar, além disso, quem mais saberia sobre si, do que si mesmo? Este é o objeto da autobiografia, falar de assuntos que pertencem ao mais íntimo de sua alma.

Parece-nos que a intenção de José Mauro de Vasconcelos ao publicar *Meu Pé de Laranja Lima* (1986) era de desabafo. Na tarefa de relatar a pobreza de sua família, o seu amor pelos irmãos, a vontade de crescer, superar obstáculos, e modificar o seu futuro, Zezé cria um mundo fantasioso na fuga da triste realidade. Prefere iludir-se, junto com o irmão mais novo, como ao transformar o quintal de sua casa em um zoológico e quando conversa e ouve conselhos do pé de laranja lima, o qual batizou de Minguinho, aproveitando um dos poucos momentos para divertir-se e ser criança.

Numa atmosfera onde a falta de dinheiro e sofrimento não davam espaço ao ser infantil, ele e o irmão mais velho engraxavam sapatos para ajudar na renda familiar, tanto é que só quando aprontava travessuras é que percebemos que se tratava de um menino de seis anos. Zezé era responsável e maduro demais para a sua pouca idade, fazia perguntas interessadas ao seu tio Edmundo, queria ser aposentado só para não fazer nada e receber o salário no final do mês, e ler antes do seu tempo.

Tudo isso em função de crescer, ser adulto e mudar de vida, transformando a realidade de seus familiares. Passou a ter essas ideias quando se compadeceu com a história de sua mãe, que não sabia ler por necessidade de trabalhar tão pequenininha e não ter tido a oportunidade de frequentar a escola, por isso aprenderia o quanto antes para ler suas poesias para ela.

Zezé fazia questionamentos de sua realidade e não aceitava ser pobre, no Natal sentiu uma tristeza muito grande, chegou até a comparar a tristeza com o velório do menino Jesus e não o nascimento. A vida era muito difícil e, para a infância, não sobrara lugar novamente, “sabia que

naquele momento não havia criança mais ali. Todos eram grandes, grandes e tristes, ceando, a mesma tristeza em pedaços.” (VASCONCELOS, 2005, p.47).

O trecho citado acima, nos esclarece um outro aspecto da autobiografia que é o relato de vida das classes sociais em que só alguns tinham a oportunidade de escrever sobre si próprio ou qualquer outro assunto, por pouca escolaridade ou por serem muito caros os materiais para a elaboração da escrita, e a publicação também. A escrita era um privilégio reservado a poucos, só membros de classes dominantes possuíam o direito de escrever sobre si ou sobre qualquer outro assunto.

Lejeune (2008) nos explica que os relatos autobiográficos não possuíam apenas a função de “transmitir a memória”, eles constituíam um espaço em que se elaboravam, transformavam e reproduziam uma nova identidade, tal qual era imposta aos pertencentes ou aos que integravam as classes dominantes, os demais eram considerados insignificantes, por isso é muito raro ver publicações de escritos autobiográficos de populares, dentre os empecilhos estava a falta de alfabetização, e quem sabia ler e escrever não escrevia para si, e sim para promover a ideologia e valores de classes elevadas, ou para comentar a história dos bem sucedidos, que adquiriram ao longo da vida algum valor social.

O discurso sobre as classes menos favorecidas permanecia somente na memória de seu pequeno grupo, a não ser que suas histórias façam parte da narrativa dos egressos, assim chamadas as pessoas que fizeram parte dessas classes na infância ou na juventude e mais tarde relatam a sua infância, mas que já não fazem mais parte desse meio. Foi dessa forma que José Mauro de Vasconcelos, filho de operários, teve a chance de publicar sua história, a da sua família, e do seu bairro, a narrativa de um egresso, alguém que sonhou muito em mudar o seu destino, e como tal escreve na qualidade de alguém que conseguiu sair da classe considerada insignificante e denunciar toda essa pobreza e o sofrimento vivido na infância.

O relato da vida torna-se uma forma de ascensão social, era dessa forma que o povo iria revelar seus problemas, desejos e alegrias, formadora de opiniões e também de identidades como podemos ver na fala de Lejeune (2008 p. 149): “Tais casos são relativamente raros nesse tipo de literatura etnológica, eles efetuam uma espécie de retorno à situação autobiográfica tradicional, na qual o sujeito é o seu próprio informante, toma a iniciativa e escreve o projeto de construir sua própria identidade”.

Percebemos que neste romance autobiográfico o leitor é convidado não só a ler como ficção, mas também a participar e viver os sofrimentos do personagem, testemunhar a história da vida do autor, os fantasmas reveladores, a sua verdade íntima, e, para isso acontecer, o autor traça

limites. Temos, então, a focalização da história individual e a personalidade de quem a escreve, no caso de *Meu pé de laranja Lima*, entendemos que o foco está na infância.

O pacto autobiográfico se deve à apresentação categórica do problema da identidade, ao dizer que “a autobiografia não importa graus, que ela é tudo ou nada” Lejeune (2008, p.55), introduz a ideia de jogo, dizendo estar fatalmente ligada à identidade, tudo isso porque idealizou o campo autobiográfico como confessional. Entendemos na obra de Vasconcelos essa estratégia colocada, como a confissão, que para ter valor, segundo Lejeune, deve ser assinada, exatamente como fez o autor do romance que temos por objeto de pesquisa.

Levando em consideração o tema identidade, proposto por Lejeune (2008), procuramos entender e ressaltar as mudanças que os sujeitos assumem em suas identidades ao longo da vida. Segundo Stuart Hall (1990, p.13) a “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, diz ainda que, “podemos nos identificar com identidades variadas temporariamente” e que “dentro de nós há identidades contraditórias, construímos uma identidade ao longo de nossa história, ou uma confortadora narrativa do eu” (1990, p.13).

Qual seria a identidade assumida por José Mauro ao escrever a obra *Meu pé de laranja Lima*? Parece-nos clara a busca pelo “eu”, ou pelo que perdeu, como chama Hall (2006 p.09), o “sentido de si”. Assim, entende-se que ele viu a escrita como opção de desabafo, de modo que escreveria um livro lembrando suas memórias e organizando suas vivências como construção de uma nova identidade, a que geralmente é conhecida e respeitada pela sociedade.

Quando Zezé foi para a escola conheceu um mundo diferente, não só por conta dos conteúdos e do conhecimento, mas pela convivência com adultos que o tratavam como criança, com mimos e brincadeiras, algo que não tinha em sua casa. A professora D. Cecília, que o tratava com carinho, dava-lhe beijos, o olhar doce em sua direção, diferente dos outros olhares, o dos seus familiares, por exemplo, que lhe pareciam revelar raiva ou tristeza, esse jeito afetuoso da professora foi por várias vezes retratado nas linhas de José Mauro, “era a única que dava um tostão para mim comprar um sonho recheado no doceiro de vez em quando, quando chegava o recreio” (VASCONCELOS, 2005, p.70).

Conheceu, também, a brincadeira de pegar morcego nos carros, um certo modo de pegar carona agarrado nos veículos em movimento, algo perigoso, mas nem um pouco assustador para um menino tão esperto e valente como Zezé, que ficava horas narrando sua aventura para Minguinho, o seu pé de laranja lima, “a gente pega os carros que passam bem devagar perto da Escola e gruda no pneu que tem atrás . E vai viajando que é uma beleza” (VASCONCELOS, 2005, p.70).

E foi assim, pegando caronas, que Zezé conheceu Manuel Valadares, o Portuga, que possuía o carro mais bonito do bairro, em que todos queriam pegar um “morcego”, agarrados no pneu de trás, mas ninguém tinha coragem. Um dia ele tomou forças e tentou “morcegar” no carro do português, mas foi pego e levou uma surra no meio da rua, o que o deixou muito envergonhado. Então, com muita raiva, Zezé prometeu crescer e vingá-lo, matando o português.

A amizade do menino com o português se deu mais tarde, com uma espécie de socorro quando, em uma de suas travessuras, Zezé corta o tornozelo gravemente e vai mancando para a escola. Ao encontrá-lo, Manuel Valadares vê que o menino está mancando e oferece-lhe ajuda, leva-o ao médico e dedica-lhe uma atenção de pai, que poucas vezes recebeu do seu pai verdadeiro. Neste momento, cresce uma amizade entre os dois, a criança vive ao lado de seu melhor amigo dias encantadores, passeios de carro, lanches deliciosos, os quais são relatados com muito carinho pelo autor homenageando e agradecendo, de certa forma, o carinho recebido na infância.

Tendo em vista essa focalização do período de vida, vejamos uma definição que caracteriza uma típica narrativa de infância:

Na narrativa de infância são transmitidas impressões que se têm num determinado tempo, o presente da narração, a propósito de recordações do passado, criando-se textualmente um certo efeito do real, marcado pela distância entre a “verdade” de uma experiência vivida e a “verdade” dessa mesma experiência transcrita em palavras. Frequentemente, aliás, estas narrativas funcionam como “balanços” pessoais, que revêem e redefinem o passado infantil, ou possibilitam a valorização mítica desse mesmo passado e da própria infância, ou funcionam como acerto de contas com esse tempo, procurando-se reparar o que falhou, para daí acrescentar um outro sentido à vida. (PAIO, 2011, p.02)

O que Maria Helena Paio chama de narrativa de infância é, para nós, o relato de Zezé, o narrador infantil que conta sua história, ou melhor, José Mauro de Vasconcelos por meio de Zezé e os acontecimentos de sua infância, em que transcreve os seus bons momentos ao lado de seu amigo Manuel, a quem apelidou carinhosamente de Portuga.

Ao mencionar o termo “acerto de contas” Paio remete a algo comum na autobiografia, o desejo de escrever com um objetivo. Talvez a intenção de Vasconcelos fosse expor os sentimentos e a necessidade de mostrar a todos que existiu um amigo em sua vida que transformou sua infância, ou parte dela, de pobre e limitada a cheia de sonhos e possibilidades de concretizá-los.

A esperança de mudança pode ser entendida como a criação de uma identidade fantasiosa conforme Hall (1990, p.13), quando o autor busca melhorar sua realidade por meio da ficção.

É importante pensar na ideia de que a autobiografia não assume responsabilidade alguma em mostrar o que o autor fez em sua vida. Há a necessidade que ele próprio tem de dizer quem é através da experimentação da linguagem, propósito exposto por Michel Beaujour, citado por Remédios (1997, p.12):“Assim, contando a sua história, o indivíduo chega a si mesmo, situa-se como é na perspectiva do que foi”.

Seguindo a ordem cronológica do livro chegamos ao último capítulo chamado “Confissão Final” em que se caracteriza o narrador já adulto. Nesse sentido entendemos a necessidade de Vasconcelos em avaliar toda a sua infância e, livre dos fantasmas do passado, revelar a despedida do amigo, que morre tragicamente em um acidente com o Mangaratiba, que era uma espécie de trem que cruzava a cidade. O amigo que mais se parecia com um pai vai embora da vida sem de despedir dele, Zezé sente-se sozinho, desprotegido sem a presença de Manuel.

O sentimento de dor revelado à criança tão cedo, e a que o autor faz referência, é a perda do amigo de uma hora para outra. A dor do sentimento, de infelicidade, não aquela que estava acostumado ao se machucar ou ao apanhar, que eram conhecidas, essa, doía no coração, perdera o amigo fiel que o compreendia tão bem, que lhe fazia feliz.

O autor revela que em sua saudade sente-se criança novamente, e que a figura do amigo vem em sua memória. Comenta também sobre a ternura, de fato foi o Portuga quem a apresentou ao menino, que antes só conhecia castigos e não recebia carinho de ninguém. Sabedor das qualidades de crescer com esse sentimento e com muitos outros também benéficos, Vasconcelos procurar fazer por outras crianças o que Manuel Valadares fez por ele, quando diz:“Hoje sou eu que tento distribuir as bolas e as figurinhas, porque a vida sem ternura não é lá grande coisa” (VASCONCELOS, 2005, p.183).

Outro momento esclarecedor de que se trata de uma autobiografia neste mesmo capítulo, é a expressão utilizada por José Mauro “a mim contaram as coisas muito cedo” (VASCONCELOS, 2005, p.183) configurando a sua identidade como personagem desta história. Assim como lamenta de saber muito cedo as verdades sobre a vida, de ter que compreender precocemente a situação familiar e não poder reclamar, de entenderem como má criação e maldade atos de ingenuidade infantil e de ter o seu desenvolvimento ameaçado pela fome. Graças ao amigo, tudo não foi perdido, conheceu o outro lado e é grato por isso até os dias de hoje.

Todos os acontecimentos são guardados na lembrança de José Mauro que nos fez direta e indiretamente lembrar de nossas histórias do passado com amigos queridos e familiares, de bons e maus momentos. O autor procura em sua obra fazer referência não só ao melhor amigo, mas

aos irmãos Glória e Luís os quais homenageia com a dedicatória deste livro, também como forma de desabafo ao mencionar que deixaram a vida muito cedo, ela com vinte e quatro anos e ele com vinte. Usa de palavras como “desistiu de viver” e nos impressiona a expressão de tristeza nas palavras do autor, o que nos faz lembrar o sofrimento que a família passou, que ele próprio superou, mas a impressão é que os irmãos não foram fortes o suficiente para enfrentar a vida.

Ao citar o nome dos irmãos, que também são personagens da história, e ao despedir-se e assinar o último capítulo, que é uma confissão e despedida do passado, Vasconcelos nos deixa claro que sua obra se trata de uma autobiografia romanceada, a história de sua infância e espécie de reencontro e despedida do passado. Entendemos que a escrita desse livro, feita em poucos dias, pode ter sido uma ação de expressão rápida, em que o autor, necessitado de escrever e soltar palavras, emoções e segredos que tentou reprimir, mas não conseguiu, volta a sua infância, livra-se do passado e nos emociona com a franqueza e vontade de viver.

2. CONCLUSÃO

Ao analisar a obra *Meu pé de laranja lima* de José Mauro de Vasconcelos nos deparamos com a história de Zezé, um menino pobre, morador da cidade de Bangu, interior do Rio de Janeiro. Esse menino vivia com sua família em uma casa modesta, e no momento passavam por dificuldades devendo alguns meses de aluguel, o pai desempregado sofrendo de vícios como o alcoolismo e a mãe trabalhando muitas horas por dia deixando os filhos pequenos e os afazeres domésticos por conta das irmãs mais velhas.

Usando das palavras do teórico Philippe Lejeune, para efetuar a pesquisa e levantar características autobiográficas é preciso se comportar como cães de caça diante do texto, assim, buscar e coletar todas as informações necessárias para comprovar em primeira instância o pacto autobiográfico e mais tarde a autobiografia em si.

Ao nos depararmos com o nome próprio na capa do livro e ao compará-lo com a matrícula na escola, apresentada no enredo, percebemos que se tratava do mesmo nome do autor, só que com o apelido de infância Zezé. O nome dos pais, dos irmãos, e a cidade natal também são os mesmos o autor.

No decorrer da pesquisa temos contato com várias lembranças do passado de um menino travesso e cheio de energias, que sonhava em ser poeta, usar gravata borboleta e dar uma vida melhor àqueles que amava. Por trás de tantas travessuras encaradas por alguns adultos como maldade fora apelidado de menino diabo, mas, ao ler a narrativa ficamos conhecendo uma

criatura doce, de alma pura e inocente. O que pode evocar paixão pelo menino, e dessa forma entendemos que encontramos características do autobiógrafo que busca em seu leitor compaixão e apreço, fazendo sentido o nosso comportamento piedoso e o sentimento de salvamento diante desse personagem.

Neste trabalho de pesquisa conseguimos esclarecer dúvidas de que se tratasse realmente de um romance autobiográfico e que seu narrador usa de performances para alcançar o seu objetivo, um adulto se passar por uma criança para narra fatos de sua infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Autor e narrador. A legitimação do romance de primeira pessoa. In: _____. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 11. ed. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LEJEUNE, Philippe. Entrevista com Philippe Lejeune. 2002. *Ipotesi, revista de estudos literários*. Juíz de Fora, v.6, n. 2, p.21 a 30. Entrevista concedida a Jovita Maria Gerhein Noronha. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/Entrevista-com1.pdf>. Acesso em: 20.set.2013.

_____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet/ Philippe Lejeune*. Organização de Jovita Maria Gerhein Noronha; tradução de Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PACE, Ana Amélia Barros Coelho. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. 2012. 172f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, universidade de São Paulo, São Paulo. 2012. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-06122012-143422/pt-br.php>. Acesso em: 20 set. 2013.

PAIO, Helena Maria Assude. *Recordar, escrever e ler a infância*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira) – Faculdade de ciências sociais e humanas, Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em <http://run.unl.pt/bitstream/10362/7274/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20-%20Helena%20Paio%20-%20setembro%20de%202011.pdf>. Acesso em: 20 set.2013.

REMÉDIOS, Maria Luiza. *Literatura Confessional- autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

VASCONCELOS, José Mauro de. *O Meu Pé de Laranja Lima*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.